

DUALISMO PULSIONAL: UMA ANALOGIA COSMOLÓGICA¹

LUIZA G. BENDER

Então, no último décimo de 1% do tempo de vida de nossa espécie, num instante entre Aristarco e nós mesmos percebemos com relutância que não éramos o centro e a razão de ser do universo, e sim que vivíamos num mundo minúsculo e frágil perdido na imensidão e na eternidade, à deriva num grande oceano cósmico pontilhado aqui e ali por 100 bilhões de galáxias e 1 bilhão de trilhão de estrelas. Corajosamente, pusemos a mão na água para testá-la e descobrimos um oceano compatível conosco, em ressonância com nossa natureza. Algo em nós reconhece o cosmos como nosso lar.
(Carl Sagan)

RESUMO: O presente artigo apresenta uma analogia entre um dos mais fundamentais conceitos da psicanálise, o conceito de pulsão caracterizado pela metapsicologia freudiana através do dualismo "pulsão de vida" e "pulsão de morte", e algumas das mais relevantes descobertas cosmológicas feitas após a teoria da relatividade, como os buracos negros, a matéria escura e a energia escura. Essa reflexão visa relacionar a análise do psiquismo com a investigação do universo exterior.

PALAVRAS-CHAVE: pulsão; pulsão de vida; pulsão de morte; metapsicologia; id.

Onde estou e quem sou “eu”, afinal? Desde que nossos ancestrais se extasiaram pela primeira vez com o esplendor do céu estrelado, somos confrontados com essas questões fundamentais. Stephen Hawking (2015, p. 228), escreveu toda *Uma Breve História do Tempo* para ao final compartilhar com o leitor a pergunta derradeira: “que coisa é essa que insufla vida às equações e cria um universo para que elas o descrevam?” e por que nós e o universo temos todo esse trabalho de existir?

Não obstante o fato de não ter encontrado as respostas para essas inquietantes questões, Albert Einstein abriu um caminho sem precedentes na investigação das dinâmicas que determinam o funcionamento do cosmo. No país vizinho,

¹ Artigo apresentado na Jornada de Estudos do Círculo Psicanalítico do RS em 09/07/2022.

contemporaneamente às descobertas do físico alemão, Sigmund Freud jogava luz sobre os mistérios do introcosmo, propondo uma concepção também inédita e capaz de transformar radicalmente os paradigmas sobre o espaço abstrato do psiquismo.

Se por um lado o universo e a mente situam-se em polos opostos, por outro, apresentam uma relação curiosa. Como observa Paulo Roberto Ceccarelli (2010, p.127), a revelação da quarta dimensão, a dimensão temporal do espaço, é semelhante à revelação do inconsciente. Provoca tal alteração na nossa relação com o mundo exterior que nos obriga a uma reorganização psíquica sobre o nosso lugar no mundo. A transformação da percepção do sujeito sobre o objeto transforma inexoravelmente a percepção do sujeito sobre si mesmo.

No contexto da relatividade geral, o destino do cosmo é travado por um conflito entre forças ocultas. A energia escura acelera a expansão indefinida dos corpos celestes rumo a uma morte fria, em meio à obscuridade mais absoluta. Em oposição, a matéria escura, que é detectada somente pela imensa atração gravitacional que exerce sobre a matéria visível, atua no sentido de frear o esgarçamento do espaço-tempo e revertê-lo para uma reaproximação da matéria que acabaria colapsando em uma nova singularidade, dando início a criação de um novo universo.

O horizonte de eventos dos buracos negros supermassivos que ocupam o centro das galáxias constitui o limite da nossa compreensão do cosmo. Lugar último, onde não há além. Como um vórtice no espaço-tempo, essas estruturas são regiões do espaço onde a gravidade é tão forte, que nada pode escapar. Não existem fisicamente como parte do universo. Não emitem luz, não refletem luz, mas atuam como motor dos mais poderosos eventos que observamos no mundo físico.

No contexto da psicanálise, o introcosmo é governado pelo destino das pulsões. Tão ou mais fundamental que o conceito de inconsciente, a pulsão aparece como "anterior" ao próprio aparelho psíquico. Seu caráter é fronteiriço, limítrofe, ocupando o hiato que liga o elemento somático ao anímico (IANNINI, 2016, p.86).

Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud propõe um dualismo pulsional entre pulsão de vida, enquanto força de aproximação e renovação, e pulsão de morte, como força que conduz ao distanciamento e à extinção. Dez anos mais tarde, em *O Mal-Estar na Civilização* (1930, p.69), afirma que "a cultura é um processo a serviço de Eros", na medida em que pretende unir libidinalmente multidões de indivíduos isolados em grupos cada vez mais abrangentes, até a constituição de uma totalidade que seria a humanidade. Oposto a esse programa da cultura estaria "a hostilidade de um contra todos e de todos

contra um". Essa agressividade seria derivada da pulsão de morte "que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo".

O duelo entre Eros e Tânatos caracterizaria não só o processo cultural que se desenrola na humanidade, como também o desenvolvimento de cada indivíduo e, ainda, o segredo da vida orgânica. Freud ([1930] 2010, p.89) acrescenta ao seu raciocínio uma analogia entre a relação do sujeito que se desenvolve em paralelo com a cultura e a relação de um planeta que executa movimentos de rotação e translação concomitantemente:

Assim como um planeta circula em volta do seu astro central, além de rodar em torno do seu próprio eixo, também um ser humano participa do curso evolutivo da humanidade, enquanto segue o seu caminho de vida. Para nossos olhos obtusos, no entanto, o jogo de forças do céu parece fixado numa ordem imutável.

O dualismo pulsional, porém, não opõe duas pulsões distintas, mas diferentes formas da pulsão. Como observa Lacan ([1960] 1998, p. 863), "toda pulsão é virtualmente pulsão de morte". Sua natureza é una, mas expressa-se de "dois modos fundamentais: o disjuntivo e o conjuntivo", explica Garcia-Roza (1995, p. 162). Ao se apresentar no aparato anímico como força que une, promove e conserva as conjunções, a pulsão é dita "de vida"; quando se presentifica de forma disjuntiva, como a diferença que "faz furo" no equilíbrio e na homogeneidade, ela é dita "de morte".

A pulsão de morte enquanto potência destrutiva (ou princípio disjuntivo) é o que impede a repetição do "mesmo", isto é, a permanência das totalidades constituídas, provocando a emergência de novas formas. Neste sentido, contrariamente à idéia da pulsão de morte como retorno às formas anteriores, temos a pulsão de morte concebida como potência criadora, posto que impõe novos começos ao invés de reproduzir o mesmo.

Semelhante à força gravitacional de um buraco negro que une os astros em conglomerados e galáxias, mas também engole tudo o que alcança o ponto de não retorno, a libido, quando desliza para além dos limites do aparato psíquico, passa a ter um sentido mortífero. O Id, parte obscura e impenetrável da nossa personalidade, é definido como polo pulsional do psiquismo, o horizonte de eventos para além do qual está o invisível e o indizível. Bergeret (2007, p.58) assinala que "ali se encontra em falta" o

postulado de que "o espaço e o tempo são as formas obrigatórias de nossos atos psíquicos". Enquanto estrutura de significantes, o psiquismo ordena o caos das pulsões que, em si mesmas, não possuem ordem alguma. Do grande abismo hiante vêm tanto o apoio como a oposição. Afinal, sem a relação dual entre a luz e a escuridão, nenhuma forma seria visível.

No ensaio *Epistemologia da Pulsão: fantasia, ciência, mito*, Gilson Iannini (2016) alude a uma comparação entre o conceito de pulsão e os conceitos mais fundamentais da Física e observa que Freud, em 1919, a propósito de uma experiência inquietante de percepção da própria imagem, fez do físico Ernst Mach seu "duplo". Freud situou "as descobertas da psicanálise na esteira do astrônomo e do naturalista", ao se juntar a Copérnico e a Darwin quando afirmou que "o eu não é o senhor em sua própria casa". No parágrafo imediatamente seguinte, homenageou o filósofo Schopenhauer, "que por pouco não qualificou como seu predecessor" (IANNINI, 2016, p. 88).

Esse "caldeirão epistemológico" da teoria Freudiana foi alvo tanto de suspeitas, quanto de fascínio e é justamente o que permite com que o saber psicanalítico dialogue com diversos discursos. O recurso estético às metáforas, aos mitos e às analogias expressa as peculiaridades de um objeto teórico de natureza abstrata e demonstra o "aspecto especulativo irreduzível" que une a linguagem científica à mitológica (IANNINI, 2016, p. 115).

Para além do olhar dos microscópios que observam o interior do átomo e do olhar dos telescópios que atravessam o espaço-tempo em busca de fotografias das bordas do infinito, para além da tentativa de significar a nossa existência a partir da investigação de tudo que nos compõe e de tudo que nos cerca, a psicanálise se propõe a iluminar a própria criação dos significados que nos escapam em visões do invisível e em silêncios ouvidos, onde a luz não incide e o som não se propaga.

É possível que anterior à experiência do familiar e do estrangeiro, do terrestre e do extraterrestre, esteja a primariedade da experiência de autoestranhamento, de não saber quem somos nem de onde viemos. É possível que o que chamamos de alienígena seja a parte do introcosmo que ainda desconhecemos.

REFERÊNCIAS

BERGERET, Jean. *Psicopatologia: teoria e clínica*. Tradução Francisco Settineri. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CECCARELLI, Paulo Roberto. *A patologização da normalidade*. Estudos de Psicanálise n. 33. Aracaju, 2010.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* (1920). In: *Obras Completas, volume 14*. Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização* (1930). In: *Obras Completas, volume 18*. Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana, volume 3: Artigos de metapsicologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

HAWKING, Stephen. *Uma breve história do tempo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

IANNINI, Gilson. *Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito*. In: FREUD, Sigmund. *Obras Incompletas. As pulsões e seus destinos*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LACAN, Jacques. *Posição do Inconsciente* (1960). In: *Escritos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.